

# MÉTODOS CONTRACEPTIVOS: O IMPACTO DA EDUCAÇÃO SEXUAL E OS CONHECIMENTOS PRÉVIOS DOS ADOLESCENTES DO ENSINO MÉDIO DA REDE PÚBLICA BRASILEIRA

Brenda Cândido Amâncio <sup>1</sup>  
Debora Albuquerque dos Santos <sup>2</sup>  
Ríllary Monteiro de Almeida Silva <sup>3</sup>  
Carina Scanoni Maia <sup>4</sup>

## RESUMO

É imprescindível analisar como a didática da educação sexual brasileira em escolas públicas promove impacto nas formas de prevenção contra gravidez indesejada e ISTs ao avaliar os conhecimentos pré-existentes dos adolescentes do ensino médio. A conformação utilizada para visualizar tais aspectos foi através de uma revisão de literatura feita entre junho e setembro de 2022, com publicações de 2015 a 2021. Constatou-se que mais da metade dos jovens, inicia a vida sexual antes dos 18 anos e ainda confundem os métodos contraceptivos. Sendo assim, a educação sexual deve acontecer de maneira contínua nas escolas públicas com o objetivo de disseminar o conhecimento.

**Palavras-chave:** Educação sexual. ISTs. Revisão de literatura. Relação sexual.

## INTRODUÇÃO

O Ministério da Saúde adota como definição de adolescência a estabelecida pela Organização Mundial de Saúde (OMS), que considera a faixa etária entre 10 e 19 anos de idade. A população adolescente representa atualmente 17,9% do total dos brasileiros, com cerca de 34 milhões de pessoas. (Ministério da Saúde, 2017)

A experimentação da sexualidade geralmente ocorre nessa fase da vida, sendo definida em seu sentido mais amplo como a energia contida no ser humano envolvendo práticas e desejos interligados a diferentes formas de sentir prazer e se satisfazer, sendo algo que é independente do sexo e da idade. (LINS LS, et al., 2017).

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) são causadas por vírus, bactérias ou outros microrganismos. Elas são transmitidas, principalmente, por meio do contato sexual (oral, vaginal, anal) sem o uso de camisinha masculina ou feminina, com uma pessoa que

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Biomedicina da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, [brenda.amancio@ufpe.br](mailto:brenda.amancio@ufpe.br);

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Enfermagem da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, [debora.albuquerqueasantos@ufpe.br](mailto:debora.albuquerqueasantos@ufpe.br);

<sup>3</sup> Graduanda do curso de Nutrição da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, [rillary.monteiro@ufpe.br](mailto:rillary.monteiro@ufpe.br);

<sup>4</sup> Professora Ajudante da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, [carina.scanoni@gmail.com](mailto:carina.scanoni@gmail.com).

esteja infectada. A transmissão de uma IST também pode ocorrer por meio da transmissão vertical para a criança durante a gestação, o parto ou a amamentação, quando medidas de prevenção não são realizadas. De maneira menos comum, as IST também podem ser transmitidas por meio não sexual, pelo contato de mucosas ou pele não íntegra com secreções corporais contaminadas. (Ministério da Saúde, 2016).

A educação sexual é essencial para que o adolescente perceba que dispõe de apoio dos adultos de referência (família, professores ou profissionais de saúde) para trocar informações corretas sobre o assunto e possam ter uma sexualidade saudável e livre de dúvidas e medos. O adolescente ao perceber que sua vida sexual está se iniciando tem a necessidade de desenvolver segurança para uma sexualidade saudável, entretanto, existem fatores que interferem na efetivação de estratégias que garantam o desenvolvimento desta. (QUEIROZ VR e ALMEIDA JM, 2017).

Em virtude dos fatores mencionados acima, é imprescindível realizar uma pesquisa inicialmente sobre os conhecimentos pré-existentes de jovens que frequentam escolas públicas, bem como praticar a educação sexual de maneira contínua visando um conhecimento mais detalhado sobre o próprio corpo, tipos de métodos contraceptivos e formas seguras de prevenção das IST.

## **METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)**

Foi realizada uma revisão de literatura durante o período de junho a setembro de 2021. Como critérios de inclusão, a busca foi feita priorizando os artigos científicos publicados a partir de 2015, porém, quando necessário, foram também utilizadas citações clássicas de artigos mais antigos; Os idiomas dos artigos avaliados foram português e inglês, sendo dada a preferência aos publicados na língua inglesa. As palavras-chave utilizadas para levantamento literário, tanto em português como em inglês, foram: métodos contraceptivos, IST, conhecimentos prévios de jovens e gravidez na adolescência.

Desta forma, os artigos científicos foram pesquisados nas seguintes bases de dados: Scientific Acadêmico (<http://scholar.google.com>), Medical Publications - PubMed (<http://www.pubmed.gov>), Science Direct ([www.sciencedirect.com](http://www.sciencedirect.com)), Latin American Literature in Health Sciences - LILACS (<http://bases.bireme.br>) e Scientific Electronic Library Online - SciELO (<http://www.scielo.org>).

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

No Brasil, a Lei no 13.789, de 3 de janeiro de 2019, instituiu a Semana Nacional de Prevenção da Gravidez na Adolescência, a ser realizada anualmente na primeira semana de fevereiro visando promover informações preventivas e educativas que auxiliem a reduzir casos de gravidez na adolescência. Entre os métodos contraceptivos existentes, no Brasil, estão hormonais e não hormonais, reversíveis e irreversíveis. Entre os hormonais existem compostos apenas por progestágenos e compostos por estrógenos e progestágenos. Os não hormonais incluem métodos de barreira, comportamentais e mecânicos. Todos são tidos como reversíveis. Entre os irreversíveis estão a laqueadura tubária e a vasectomia (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA (SBP), 2018; FEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DE GINECOLOGIA E OBSTETRÍCIA (FEBRASGO, 2015). Destes, nove estão disponíveis no Sistema Único de Saúde (SUS). (BRASIL, 2020).

Considerando os desafios relacionados à implantação dos PCN (GONDIM et al., 2015; OLIVEIRA; BÉRIA; SCHERMANN, 2014; SILVA et al., 2015) e reconhecendo a educação sexual como instrumento de transformação social capaz de contribuir para mudanças de comportamento e de normas relacionadas à sexualidade, mostra-se relevante e oportuno analisar de que forma ela vem sendo trabalhada nas escolas (FIGUEIRÓ, 2010). Desse modo, este estudo tem como objetivo realizar uma revisão sistemática da literatura sobre a educação sexual em escolas brasileiras, a fim de identificar suas principais características (ano de publicação, autoria, título, objetivos e delineamento), assim como os temas abordados e os profissionais responsáveis pelas ações. (FURLANETTO, et al., 2018).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Dos 65 artigos científicos e demais fontes sobre o tema localizados, 14 se enquadraram nos critérios de inclusão e, portanto, compuseram a revisão de literatura.

Numa pesquisa sobre aspectos reprodutivos numa rede pública de ensino, Aguiar et al., (2020) constataram que dos 23 participantes da pesquisa, houve um número maior de meninas (56,5%). A maior parte deles tinha 16 (39,1%) anos de idade. 52,1% afirmaram já ter tido relação sexual, enquanto 47,8% declararam o contrário. Entre os 12 adolescentes que relataram já terem experimentado atividade sexual, a faixa etária da primeira relação foi entre 14 a 17 anos, sendo a idade de 15 anos a mais destacada (33,3%). A maior parte (75%) afirmou que faz uso de método contraceptivo, sendo a camisinha o mais apontado (58,3%). (AGUIAR VIEIRA, et al., 2020).

Ao todo, foram considerados dados de 74.589 adolescentes. O início da vida sexual foi relatado por 28,1% (IC95% 27,0-29,2) dos adolescentes, com prevalências crescentes ao

longo das idades consideradas e chegando a 56,4% entre aqueles com 17 anos (IC95% 53,9-58,9). As prevalências de início da vida sexual foram significativamente maiores nos adolescentes do sexo masculino (33,5%; IC95% 31,8-35,2), de escolas públicas (29,9%; IC95% 28,5-31,4) e residentes na região Norte (33,9%; IC95% 32,3-35,4). Dos adolescentes que já haviam iniciado a vida sexual (n = 22.241), 82,3% (IC95% 81,1-83,4) usaram métodos contraceptivos na última relação sexual. O uso de métodos contraceptivos na última relação sexual foi significativamente maior por adolescentes do sexo feminino (85,2%, IC95% 83,8-86,5), de 16 e 17 anos de idade (84,4% e 85,3%, respectivamente). (BORGES, et al., 2016).

Em relação aos métodos contraceptivos não hormonais, o uso de dois preservativos masculinos como uma estratégia de contracepção mais segura não é algo considerado pela maior parte dos adolescentes que já tiveram relação sexual (83,3%), e por apenas 45,4% dos que ainda não tiveram. Quanto à eficácia da camisinha feminina, 58,3% dos que já tiveram relação sexual não souberam informar, ao passo que a maior parte dos que ainda não tiveram relação sexual (63,6%) compreendem a eficácia do método. Ambos os grupos reconhecem que o coito interrompido não previne a gravidez indesejada, assim como não sabem informar acerca do uso do diafragma com espermicida e nem sobre a relação entre o DIU e o aborto. (AGUIAR VIEIRA, et al., 2020).

Aponta-se que, quando perguntados sobre o que são Infecções Sexualmente Transmissíveis, 15,7% (n=24) não souberam responder, dentre eles, 42% (n=10) eram do gênero masculino e 58% (n=14), do gênero feminino; em relação ao conhecimento do que fazer para se prevenir das ISTs, 22,9% (n=35) afirmaram não conhecer nenhum meio de prevenção e, sobre a possibilidade de se imunizar de alguma IST por meio de vacinação, 52,9% (n=81) disseram achar isso impossível. se, a respeito de com quem e onde procuram saber sobre relação sexual e prevenção, que somente 35,2% (54) responderam que dialogam com os pais sobre essa temática (Tabela 2), ressaltando-se a importância da implementação, na escola e na comunidade, de projetos e ações de Educação em Saúde, visando à prevenção de gravidez precoce indesejada e de contaminação por ISTs, envolvendo também as famílias dos alunos. (BRASIL, et al., 2019).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Assim, é notória a importância de adultos de referência para orientarem os adolescentes ao se tratar de saúde sexual, visto que, a ausência de um direcionamento bem estruturado dará margem para situações de risco durante as relações. Um dos agravantes desse cenário de desinformação é a censura socialmente imposta desde a formação da sociedade brasileira, que

só será modificado com um ensino apropriado, porém, a forma com que se aborda educação sexual nas escolas precisa ser ampliada e ir além das questões puramente biológicas e anatomicas e passar a transitar, também, pela forma na qual o sexo influencia e se comporta nas interações sociais propriamente ditas para, dessa forma, conseguir englobar os diversos aspectos dessa temática.

**Palavras-chave:** Adolescentes. Saúde sexual. Censura. Educação sexual. Interações sociais.

## REFERÊNCIAS

1. AGUIAR VIEIRA, A.; DA COSTA NOGUEIRA CERQUEIRA, L.; DA COSTA TEIXEIRA, P.; TOMAZINHO DE LACERDA DUMARDE, L.; PRADONOFF OLIVEIRA, P.; BARCELLOS OLIVEIRA KOEPPE, G. O uso de métodos contraceptivos por adolescentes: conhecimento de estudantes do ensino médio. **Global Academic Nursing Journal**, [S. l.], v. 1, n. 3, p. e37, 2020. DOI: 10.5935/2675-5602.20200037. Disponível em: <https://globalacademicnursing.com/index.php/globacadnurs/article/view/67>. Acesso em: 2 set. 2021.
2. BARBOSAL. U.; ViçosaC. S. C. L.; FolmerV. A educação sexual nos documentos das políticas de educação e suas ressignificações. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 11, n. 10, p. e772, 8 jul. 2019
3. BORGES, Ana Luiza Vilela et al. ERICA: sexual initiation and contraception in Brazilian adolescents. **Revista de Saúde Pública [online]**. 2016, v. 50, suppl 1 [Acessado 2 Setembro 2021] , 15s. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S01518-8787.2016050006686>>. Epub 23 Feb 2016. ISSN 1518-8787. <https://doi.org/10.1590/S01518-8787.2016050006686>.
4. BRASIL, Marcela Estevão; CARDOSO, Fabrício Bruno; SILVA, Luanna Malafaia de. Conhecimento de escolares sobre infecções sexualmente transmissíveis e métodos contraceptivos. **Revista de enfermagem UFPE [online]**. 2019, v. 13. DOI: <https://doi.org/10.5205/1981-8963.2019.242261>. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/242261>.
5. BRASIL. **Ministério** da Saúde. Departamento de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Diário Oficial da União. 2016, Seção I, páginas 03 a 17.
6. BUENO, R. C. P.; RIBEIRO, P. R. M. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL: APONTAMENTOS PARA REFLEXÃO. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, [S. l.], v. 29, n. 1, p. 49–56, 2018. DOI:

- 10.35919/rbsh.v29i1.41. Disponível em:  
[https://sbrash.emnuvens.com.br/revista\\_sbrash/article/view/41](https://sbrash.emnuvens.com.br/revista_sbrash/article/view/41).
7. CASTRO, João Francisco de, Almeida, Carlos Manuel Torres e Rodrigues, Vitor Manuel Costa Pereira. A (des)educação contraceptiva dos jovens universitários. **Acta Paulista de Enfermagem [online]**. 2020, v. 33 [Acessado 30 Agosto 2021] , eAPE201901306. Disponível em: <<https://doi.org/10.37689/actaape/2020AO01916>>. Epub 14 Dez 2020. ISSN 1982-0194. <https://doi.org/10.37689/actaape/2020AO01916>.
  8. FULARNETTO, Milene Fontana et al. Educação sexual em escolas brasileiras: revisão sistemática da literatura. **Cadernos de Pesquisa [online]**. 2018, v. 48, n. 168 [Acessado 2 Setembro 2021] , pp. 550-571. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/198053145084>>. ISSN 1980-5314. <https://doi.org/10.1590/198053145084>.
  9. GONDIM, Priscilla Santos; SOUTO, Natasha Firmino; MOREIRA, Camila Brasil; CRUZ, Maria Elisabete Costa da; CAETANO, Francisca Heronildes Patrício; MONTESUMA, Francisca Gomes. Acessibilidade dos adolescentes às fontes de informações sobre saúde sexual e reprodutiva. **Journal of Human Growth and Development**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 50-53, 2015.
  10. LINS LS, et al. Análise do comportamento sexual de adolescentes. **Rev Bras Promoç Saúde**, 2017; 30(1): 47-56.
  11. Ministério da Saúde (BR) Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica [Internet]. 2017.
  12. Organização Pan-Americana da Saúde. Ministério da Saúde. Saúde e Sexualidade de adolescentes. **Construindo equidade no SUS [Internet]**. 2017.
  13. Rios A. R.; Sena A. D. de; Krug B. R.; Dantas E. K. de O.; Ferronato E. C. B.; Bomfim J. Q.; Oliveira L. A. de; Ferreira P. C. C. M.; Moura V. G. de C.; Guimarães R. M. G. C. Fatores relacionados à escolha de métodos contraceptivos na adolescência: uma revisão de literatura. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 5, p. e6942, 14 maio 2021.
  14. QUEIROZ VR, ALMEIDA JM. Sexualidade na adolescência: potencialidades e dificuldades dos professores de ensino médio de uma escola estadual de Sorocaba. **Rev Fac Ciênc Méd Sorocaba**, 2017; 19(4): 209-14.